

Históricos partem para rachar PMDB de vez

Na reunião de ontem a maioria dos autênticos resolveu precipitar a crise final do partido

Racha-já. É esta a nova palavra de ordem dos peemedebistas "históricos", que reuniram-se ontem pela manhã para definir uma estratégia capaz de precipitar a crise dentro do partido, estabelecendo de uma vez por todas se o controle da legenda pertence ao grupo autêntico ou aos conservadores reunidos no Centrão. Além de um documento defendendo a retomada da linha programática pela agremiação, também foi aprovada a realização de um grande encontro no próximo dia 9 de janeiro, quando o grupo pedirá a convocação de uma convenção nacional extraordinária. Será nesta convenção que os históricos deverão lançar as duas teses capazes de, no entender deles, dividir claramente as águas partidárias: mandato de quatro anos para o presidente Sarney e rompimento formal com o Governo. Com punição para previsíveis desobediências.

Na reunião de ontem, à qual compareceram vinte e seis parlamentares e um ex-governador (o paulista Franco Montoro), os autênticos decidiram suspender a ideia de abandonar o PMDB. Os integrantes do dissidente MUP, que já ensaiavam os primeiros passos neste sentido, foram convocados a esquecê-la e engajarem-se ao movimento no sentido de tomar o PMDB das mãos dos conservadores. Apenas na hipótese de serem batidos pelo Centrão na convenção extraordinária é que o grupo deixaria o partido.

Se há unanimidade em torno da necessidade de

precipitar o racha, os programáticos estão divididos quanto à oportunidade da convenção nacional que definiria quem controla o PMDB. Durante o encontro de ontem, as opiniões foram variadas: houve quem defendesse a realização imediata do congresso partidário, como os membros do MUP e o deputado Pimenta da Veiga, o último premido pela conjuntura eleitoral do seu Estado; quem preferisse uma data mais distante, jogando no crescente desgaste do Governo; e até quem optasse pelo silêncio, como o senador José Richa, que não abriu a boca.

A REUNIÃO

Marcada para as 11 horas de ontem, a reunião dos autênticos só começou trinta minutos depois porque grande parte dos convidados participava de cerimônia de condecoração no Salão Negro do Congresso. Quando o encontro finalmente começou, os repórteres que se encontravam na sala foram convidados a sair sob o argumento de que, sendo preparatória, a reunião deveria ser secreta. Aliás, havia outras semelhanças com os encontros da extinta Arena, a começar por vários dos peemedebistas ditos históricos, entre os quais os ex-arenistas Severo Gomes (ministro do general Geisel) e Mendes Canale.

O primeiro a falar foi o ex-governador Franco Montoro, um dos principais articuladores do movimento de reaglutinação do grupo, que declarou ter ficado "perplexo" quando, ao retornar do

exterior, deparou-se com a ameaça de debandada geral dos programáticos do PMDB. Ele defendeu a necessidade de que se lute internamente pelo domínio da legenda.

O senador Mansueto de Lavor, que falou a seguir, foi quem primeiro levantou a tese de rompimento com o Planalto. Na opinião dele, é muito difícil conviver com um Governo que prestigia os adversários internos do grupo. A referência dirigia-se aos integrantes do Centrão, alguns dos quais (Prisco Viana e Borges da Silveira) desempenhando atualmente funções de grande influência política, enquanto a participação do PMDB programático estaria cada vez mais reduzida no poder.

Ulysses promete convenção extra

O presidente da Constituinte e do PMDB, Ulysses Guimarães, comprometeu-se com o grupo histórico do Partido a convocar uma Convenção extraordinária para fevereiro, a fim de que seja possível resgatar os compromissos históricos da legenda. Ulysses prometeu também se engajar no esforço dos autênticos, em conversa, no seu gabinete, com os deputados Osvaldo Lima Filho (PE) e Fernando Gasparian (SP).

O senador José Fogaça disse depois que a primeira coisa a fazer é instalar o processo de divisão interna no PMDB, quando as posições ficariam bem definidas. Só então se saberia quem fica e quem sai do partido.

Ronan Tito e Osvaldo Lima Filho sustentaram a mesma tese.

Um dos pontos altos da reunião foi a fala do senador Fernando Henrique Cardoso, que teceu duras críticas ao fisiologismo instalado no Governo e apoiado por um segmento expressivo do PMDB. Na opinião dele, a precipitação do racha partidário culminará, necessariamente, com a ruptura formal com o Palácio do Planalto. Numa intervenção prolongada, o senador manifestou ainda preocupações com o tempo que o grupo terá para tomar as suas decisões, considerado exiguo, na hipótese de vitória dos setores conservadores, para a organização de uma nova legenda.

Quem defendeu uma definição imediata, com a convocação da convenção extraordinária "o quanto antes", foi o deputado Pimenta da Veiga, ex-líder do Governo na Câmara. Entre os parlamentares reunidos ontem, o seu problema pessoal é o mais sério, já que não consegue conviver politicamente com o governador de Minas, ao qual não apoiou nas últimas eleições. A tese de Pimenta recebeu apoio entusiasmado dos deputados Nilton Friedrich e Percival Muniz, integrantes do MUP, que pretendem apresentar, na con-

venção peemedebista, moção propondo a ruptura com o Governo.

Além do distanciamento do Planalto, há uma segunda proposta que, no entender do ex-governador Franco Montoro, também serviria como divisor de águas dentro do PMDB. Ele quer que o partido se defina pelo mandato de quatro anos para o presidente José Sarney e aplique punições em caso de desobediência. Não falou abertamente, mas está implícita a ameaça de expulsão dos dissidentes — no caso, obviamente, o pessoal do Centrão.

O senador Mário Covas, líder na Constituinte, também falou durante a reunião de ontem. Mas foi discreto. Nem tocou na possibilidade de criação de uma nova legenda e nem sequer colocou maior ênfase na ideia de rompimento com o Governo.

A cautela de Covas tem seus motivos. Candidato (não declarado) à Presidência da República, ele tem consciência de que suas chances estão no PMDB, enquanto em um novo partido teria de adiar seu projeto político até que esta legenda se estruturasse no País. Além disso, acredita que tem condições de vencer a convenção peemedebista que escolherá o candidato à sucessão presidencial — uma hipótese bastante concreta no caso de ser aprovado o mandato de quatro anos, mas improvável se a eleição ficar para 89, pois aí terá de brigar com o governador Orestes Quércia.

GIVALDO BARBOSA



Ulysses ficou feliz ao saber que Covas não sai

Covas fica mas quer definição

O líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas (SP), fez questão de abraçar ontem à tarde, no plenário, o presidente do partido, deputado Ulysses Guimarães, e ainda pediu que fossem fotografados juntos. Tudo para desmentir que estariam rompidos, conforme notícia que circulou no Congresso.

Sorridente, Ulysses disse que "não pode deixar esses meninos abandonarem o partido". E comentou o convite informal que o deputado Amaury Müller (PDT-RS) fez a Covas, de que o senador seria bem-vindo ao PDT, dizendo que ele queria "estragar o seu Natal".

A ideia de sair do PMDB já passou pela cabeça de Covas, como ele mesmo admitiu. Ressaltou, porém, que está perfeitamente engajado na tarefa de fazer o partido cumprir seus compromissos, negando que esteja insatisfeito.

E enumerou as razões pelas quais sua saída do partido é improvável: é um dos fundadores do PMDB e foi através da sigla que se elegeu deputado, prefeito biônico de São Paulo e o senador mais votado da história da República.

Quanto à crise interna, Covas considera que os conflitos afloraram na representação e não nas bases e defendeu a convocação da convenção antes da retomada dos trabalhos da constituinte para que o PMDB defina seus rumos.

Covas acha que o partido não pode ficar mais dividido do que já está e ressaltou que não se deve confundir uniformidade com estreiteza ideológica.